

Os labirintos da cidade: Marcial em Roma

JOÃO MANUEL NUNES TORRÃO / ANTÓNIO MANUEL LOPES ANDRADE

Centro de Línguas e Culturas — Universidade de Aveiro

Abstract: Martial had unparalleled knowledge of the city of Rome and he provides guidance to today's readers in the street maze of the city. That city had specific features which made the circulation of people and vehicles difficult, in spite of the efforts made by some politicians to improve the urban network.

Keywords: Martial; Rome; city; urbanism; emperors; dwellings.

A relação de Marcial com a cidade não entra em grandes questões filosóficas nem existenciais, mas passa antes por uma ligação quase física e sócio-cultural.

Marcial, como se sabe, viveu cerca de vinte anos na Península Hispânica, foi para Roma no apogeu da sua juventude e regressou a BÍlbilis, sua terra natal, poucos anos antes de morrer. Terá passado em Roma cerca de quarenta anos da sua vida.

As informações que possuímos sobre o poeta têm de ser filtradas, quase todas, da sua obra e esta só foi divulgada nos últimos vinte e poucos anos da sua existência.

Poderíamos quase dizer que Marcial andou cerca de vinte anos a estudar Roma para depois no-la poder desvendar.

E não terá sido fácil este estudo ou por dificuldades de matéria ou por problemas do aluno. É que o resultado que nos chegou dá-nos a ideia de um labirinto. Como todos os labirintos, tem caminhos interessantes, outros sem saída, alguns com saídas múltiplas, outros que, a custo, permitem a passagem de uma só pessoa.

O problema de Marcial, no que à cidade diz respeito, é que ele viveu sempre num conflito interior entre as vantagens da cidade e as vantagens do campo ou, pelo menos, de uma vida vivida à maneira do campo.

Texto recebido em 29.10.2007 e aceite em 10.12.2007

Ágora. Estudos Clássicos em Debate 10 (2008) 63-80 — ISSN: 0874-5498

De facto, por mais de uma vez, nos apresenta o seu ideal de vida, onde se torna evidente o gosto por uma existência calma, pacífica, sem as confusões que uma cidade como Roma trazia consigo.

Merecem especial relevo neste aspecto os epigramas dirigidos a Frontão (1.55), ao seu amigo Júlio Marcial (10.47) e a Juvenal (12.18). Sintomaticamente, temos um dos textos quase no início da sua actividade poética e dois já na ponta final (como se sabe, o livro décimo foi reeditado e a maior parte das suas composições é posterior às do livro undécimo, embora, como é óbvio, não possamos garantir a data deste texto em concreto).

Vejamos este epigrama do livro décimo (10.47):

*Vitam quae faciant beatiorem,
iucundissime Martialis, haec sunt:
res non parta labore, sed relictas;
non ingratus ager, focus perennis;
lis numquam, toga rara, mens quieta;
uires ingenuae, salubre corpus;
prudens simplicitas, pares amici;
conuictus facilis, sine arte mensa;
nox non ebria, sed soluta curis;
non tristis torus et tamen pudicus;
sommus qui faciat breues tenebras:
quod sis esse uelis nihilque malis;
summum nec metuas diem nec optes*¹.

*Os bens que tornam a vida mais feliz,
ó Marcial, espelho de gentileza, ei-los quais são:
fazenda não granjeada à custa de suor, mas de uma herança;
um campo não ingrato, o lume sempre a arder;
querelas, jamais; a toga, raras vezes; a paz no coração;
galhardia na força, saúde no arcaboço;
lhaneza no tratar, a mesa despida de requinte;
a noite sem orgia, mas livre de cuidados;
um leito não austero, embora recatado;*

¹ Neste trabalho, os epigramas de Marcial são sempre citados a partir da edição da *Bibliotheca scriptorum Graecorum et Romanorum Teubneriana: M. Valerii Martialis epigrammata*. Post W. Heraeum edidit D. R. Shackleton Bailey. Stuttgartiae, in aedibus B. G. Teubneri, 1990.

*um sono que abrevie a escuridão;
a vontade de ser o que se é, sem alimentar outras ambições;
o dia derradeiro, não o temer nem desejar.*²

Uma leitura, por mais simplificada que seja, deste epigrama, numa visão alargada à obra de Marcial e aos conhecimentos sobre a vida em Roma na parte final do século I depois de Cristo, não nos deixa dúvidas sobre uma clara oposição entre a vida na cidade — que não é muito desejável — e a vida no campo — objecto da preferência do poeta.

Não é por acaso, aliás, que surge outro epigrama com esta temática no livro duodécimo. Este livro, o último publicado por Marcial, é uma mistura de epigramas que tinham ficado na gaveta (e agora vêem, finalmente, a luz do dia) e outros escritos quando o poeta já se encontra em BÍlbilis. É neste livro, logo a abrir, na carta dedicatória a Prisco, que Marcial apresenta, talvez de forma mais clara, o gosto e o prazer (neste caso já sob a forma de saudade) que Roma — a Urbe por excelência — lhe causara. Tem, por isso, mais valor simbólico que seja também nesse livro e, como dissemos, em composição feita já na Hispânia, que o poeta volte a sublinhar o seu ideal de vida em que prevalecem os valores do campo por oposição aos da cidade.

Tudo isto, porém, poderá estar a jogar com dados viciados.

De facto, pensamos que o grande problema de Marcial não está em escolher o campo ou a cidade, mas naquilo a que poderemos chamar a sua opção pela profissão de poeta.

É mais ou menos consensual que Marcial poderia ter optado por uma ou mais profissões que lhe garantissem um rendimento aceitável. Mas também é claro que o poeta evitou sempre dedicar-se a outra profissão porque optou deliberadamente por ser poeta. Ora, ser poeta em Roma numa altura em que minguavam os Mecenas e em que o clima

² Excepcionalmente, utilizaremos aqui a tradução de Walter de Medeiros, “O poeta que buscava um amor”: J. M. N. Torrão, *Latim I (língua e cultura)* (Lisboa 1994) 247. Nas restantes traduções, utilizaremos sempre: Marcial, *Epigramas* (Vol. I, II, III e IV). Introdução e notas de Cristina Pimentel. Tradução de Delfim Ferreira Leão, José Luís Brandão e Paulo Sérgio Ferreira (Lisboa 2000 (I e II), 2002 (III) 2004 (IV)).

social gerava ondas sucessivas de *clientes* cada vez mais pobres, só podia levar a uma vida livre, até certo ponto, mas que implicava ficar de braço dado com a pobreza.

A leitura da obra do bilbilitano cada vez nos convence mais de que a sua defesa de uma vida simples longe do bulício da cidade tem mais a ver com as condições ideais para escrever poesia do que com uma rejeição da vida citadina.

Há, até, uma contradição óbvia entre este ideal de vida do poeta e o tipo de poesia por ele praticada. Como se sabe, a maior parte dos epigramas de Marcial só é possível porque ele conhece como ninguém todos os cantos e recantos da cidade de Roma. E, se ele vivesse retirado no campo — como pretensamente pretende —, não poderia escrever tais poemas.

É, pois — pelo menos no nosso modo de ver —, a este seu amor pleno à poesia que se deve ir buscar uma das chaves para a descodificação do labirinto da cidade.

Marcial, qual Dédalo no labirinto que serviu de prisão ao Minotauro, procura encontrar em Roma a saída que lhe permita voar como poeta. Ainda a exemplo de Dédalo, os seus intentos últimos foram atingidos (a prova é que continuamos hoje a falar dele), mas também ele teve de suportar custos que deixaram marcas profundas — e se não foi a morte de um filho algo estouvado como Ícaro, foram as desilusões dos falsos amigos, as falhas dos potenciais Mecenas, a necessidade de elogiar aqueles que, na realidade, mereciam censura.

Tal como Dédalo, Marcial conhece na perfeição o labirinto de Roma, embora neste caso o conhecimento mereça maiores encómios porque não resulta, como no caso do famoso artista mitológico, do facto de ter desenhado o labirinto, mas antes de o percorrer vezes sem conta ao longo do ano para conseguir obter a mísera *sportula* que lhe garantiu, por vários anos, a sobrevivência.

Mas andar por Roma não era nada fácil nesta altura. Habitados como estamos às facilidades de deslocação com que hoje nos deparamos,

temos tendência a esquecer que as condições de mobilidade, em Roma e na Antiguidade em geral, deixavam muito a desejar.

Não nos esqueçamos de que Roma vai sendo construída nas encostas de várias colinas sem recorrer ao que hoje chamamos os Planos Directores Municipais, a não ser, em termos esporádicos, quando algum político mais visionário (ou mais egocêntrico) se lembrava de fazer um conjunto alargado de construções.

É uma cidade com muita população — há autores que chegam a falar em números bastante superiores a um milhão de habitantes³ — que, regra geral, não tem dentro de casa condições mínimas de habitabilidade, a não ser, claro está, no caso dos mais ricos que, com as suas *domus* tantas vezes luxuosas e espaçosas, podiam até entregar-se ao prazer de dormir, ao contrário do que acontecia com os mais pobres a quem o barulho quase permanente das ruas só podia causar insónias.

Como se deve calcular, o número de *domus* foi sempre muito inferior ao número de *insulae* e, embora saia do âmbito cronológico do nosso poeta, vale a pena ter em atenção estatísticas mais tardias, que apontam para a existência de 1.797 *domus* e 46.602 *insulae*⁴.

Digamos que as *domus* tinham alguma correspondência com as nossas vivendas unifamiliares, embora a família que nelas morava fosse entendida no sentido lato do termo, já que englobava também a criadagem que, em alguns casos, seria bastante numerosa. Já as *insulae*, embora tenham bastantes parecenças com os actuais blocos de apartamentos, acabam também por apresentar fortes semelhanças com alguns

³ As estimativas da população da cidade de Roma, no final da República, variam entre os 600.000 e os 1.700.000 habitantes. Para uma análise pormenorizada desta questão, cf. O. F. Robinson, *Ancient Rome: City Planning and Administration*. (London–New York 1996) 8-9.

⁴ Da antiguidade tardia chegou até nós um catálogo de Roma, cujas duas versões existentes, vulgarmente conhecidas como *Notitia* e *Curiosum*, fazem um levantamento dos edifícios públicos e privados das 14 regiões administrativas da cidade. Encontra-se disponível uma reprodução digital da edição de Henri Jordan (*Topographie der Stadt Rom im Alterthum* (Berlín 1887) 2.ii.539-574) no sítio http://penelope.uchicago.edu/Thayer/E/Gazetteer/Places/Europe/Italy/Lazio/Roma/Rome/_Texts/Regionaries/home.html.

dos actuais bairros sociais em que a população moradora, passado pouco tempo depois da inauguração, facilmente duplica.

O problema, porém, não se confinava às casas, mas alargava-se às ruas. De facto, quem se passear, por exemplo, pela parte antiga de uma cidade como Lisboa, Porto ou Coimbra, pode ficar com uma ideia, ainda que aproximada, do que seria deambular por Roma: ruas estreitas e íngremes, obrigando a constantes desvios devido ao trânsito que não tinha, naturalmente, qualquer ordenamento; casas que se elevavam no ar até alturas que hoje estranhemos — Augusto⁵ teve de criar legislação que proibia os prédios com mais de 70 pés de altura, o equivalente a cerca de 20,60 m, a que correspondiam 5 ou 6 andares e, mais tarde, Trajano⁶ ainda limitou mais essa altura, pondo o limite em 60 pés (17,40 m), cerca de quatro/cinco andares—; a distância entre os prédios era tão pequena que permitiria, como diz Marcial, ir à janela e apertar a mão do vizinho da frente: bastaria, para isso, uma pequena varanda e esticar a mão (1.86.1-2):

*Vicinus meus est manuque tangi
de nostris Nouius potest fenestris.*

*Nóvio é meu vizinho, e até apertar a mão
se pode das nossas janelas.*

Isto não impedia (tal como acontece nos dias de hoje) que as pessoas que habitavam no mesmo prédio ou nos prédios vizinhos praticamente se não conhecessem, como explicita o poeta neste mesmo epigrama (vv. 6-10), referindo-se ao seu vizinho Nóvio:

*Tam longe est mihi quam Terentianus,
qui nunc Niliacam regit Syenen.
Non conuiuere, non uidere saltem,
non audire licet, nec urbe tota
quisquam est tam prope tam proculque nobis.*

⁵ Strab. 5.3.7; Hor. *Ep.* 1.1.100.

⁶ Aurelius Victor, *Ep. de Caes.* 13.13.

*Para mim está longe como Terenciano
que governa agora a nílíaca Siene.
Nem conviver, nem vê-lo sequer,
nem ouvi-lo é possível, e em toda a cidade
não há ninguém tão próximo e tão longe de mim.*

Acrescentemos a tudo isto muito movimento nas ruas e, neste passo, também a actualidade, em determinadas horas, nos fornece paralelo, mas ainda ruas cheias de imundície, ocupadas pelos mais diversos vendedores⁷ e por alguns profissionais, nomeadamente professores e barbeiros, e, para complicar ainda mais as coisas, numa cidade labiríntica, a quase inexistência de elementos identificadores para as ruas e a ausência de números de polícia nas casas, o que tornaria a situação particularmente complicada em deslocações nocturnas já que, para além do esporádico luar, não se podia contar, como é óbvio, com a iluminação pública.

De facto, a circulação em Roma tinha-se tornado tão complicada e tão caótica que, pelo menos desde o tempo de Júlio César, se começou a criar legislação para tentar já não dizemos resolver, mas, ao menos, atenuar o problema⁸.

A confusão era, de facto, tanta que César resolveu proibir a circulação de carros, durante o dia, dentro da cidade. Esta medida, no entanto, de modo nenhum resolveu a situação. De facto, teve, desde

⁷ Tivemos recentemente a oportunidade de encontrar, em Angola, na periferia de Luanda, uma situação muito próxima desta. De facto, nos bairros sociais, com habitações demasiado pequenas para o número de pessoas que nelas moram, todos vêm para as ruas estreitas durante o dia e estas, por sua vez, ficam também ocupadas por toda a espécie de vendedores, tornando particularmente complicada uma deslocação em automóvel já que, com frequência, pode ser necessário retirar uma banca de vendas para o veículo poder passar.

⁸ As regras gravadas na *Tabula Heracleensis* constituem uma das melhores fontes sobre a questão das vias públicas e do tráfico na cidade de Roma. A este respeito, veja-se o capítulo “Streets and Thoroughfares” da obra de O. F. Robinson, *op. cit.*, 59-82, cujo apêndice (79-82) contém a transcrição da *Tabula Heracleensis*, vv. 20-82, também conhecida por *Lex Iulia municipalis*. É possível encontrar online duas edições do texto desta lei nos seguintes sítios: http://webu2.upmf-grenoble.fr/Haiti/Cours/Ak/Leges/heracleensis_crawford.html e http://webu2.upmf-grenoble.fr/Haiti/Cours/Ak/Leges/heracleensis_CIL.htm. Esta última edição, por estar numerada, é de mais fácil consulta.

logo, como consequência directa, arrastar para a noite todo o movimento dos carros que traziam mercadorias para o abastecimento da cidade e o consequente barulho que tudo isto causava (não nos esqueçamos de que estamos na presença de carros puxados por animais a circular por ruas que não estariam nas melhores condições e isso levaria, para além do barulho normal de rodas no empedrado e dos gritos de incentivo aos animais, a situação de carros atolados que obrigavam a movimentações barulhentas).

Não pensemos, no entanto, que o dia ficou uma maravilha em termos de circulação. De facto, era proibida a circulação, mas havia excepções. Estas situavam-se sobretudo em quatro grandes áreas, com as três primeiras a referirem-se a ocasiões excepcionais, pelo menos na altura da sua criação⁹:

1. nos dias das cerimónias solenes (e estes, realmente, não eram muitos), podiam circular os carros das Vestais, do *Pontifex Maximus* e dos Flâmines;

2. nos dias em que se celebrava o triunfo, podiam circular todos os carros necessários a esta cerimónia; neste caso concreto, dada a magnificência que algumas cerimónias deste género atingiram, já não seria fácil a circulação em algumas ruas mais próximas;

3. nos dias dos jogos, podiam circular os carros necessários a esta actividade tão bem vista pelos romanos; atendendo a que, em algumas ocasiões, raros eram os dias em que não houvesse jogos, já podemos imaginar a confusão que se ia criando;

4. finalmente, podiam circular de dia, em Roma, todos os carros destinados às construções oficiais e às demolições e reconstruções das *domus* e das *insulae* em perigo de derrocada.

Se tivermos em conta que quase todos os imperadores quiseram deixar a sua marca na cidade através de construções oficiais e que, devido às condições de construção e à exploração económica que isso originou,

⁹ *Tab. Hera.*, vv. 56-67.

havia, constantemente, prédios em ruínas¹⁰, já podemos imaginar Roma quase como um estaleiro permanente com a consequente circulação quase constante de carros pesados e lentos.

Para ficarmos com uma ideia um pouco mais perfeita da dificuldade de circulação em Roma pelo meio deste trânsito de carros, convém recordar que, para além de alguns caminhos para peões que podiam ter vários nomes, de acordo com as suas características (*itinera* — caminhos; *angiportus* — passagem; *semitae* — carreiros; *clivus* — rampa) os caminhos para os carros dividiam-se, basicamente, em duas categorias:

os *actus* cuja largura só permitia a passagem de um carro de cada vez e as *viae* que, além da circulação livre de peões, permitiam o cruzamento de dois carros¹¹. No entanto, dentro dos limites republicanos da cidade, só duas mereciam o nome de *viae* — *uia sacra* e *uia noua*. A largura das *viae* começou por ser definida já na Lei das XII Tábuas¹² — 16 pés = 4,80 m; depois esta medida manteve-se como largura mínima, mas foi sendo progressivamente alargada.

É esta cidade, com todos estas limitações, que alguns governantes vão tentando modificar, na medida das suas possibilidades. Isto mesmo se depreende da fase adulatoria de Marcial em relação a Domiciano em que o *princeps* é elogiado por ter, nas palavras de Marcial, voltado a transformar em cidade aquilo que se tinha convertido numa enorme taberna (7.61).

*Abstulerat totam temerarius institor urbem
inque suo nullum limine limen erat.*

¹⁰ Pode ver-se, a este propósito, o romance de Lindsey Davis, *Vénus de cobre* (Lisboa 2002), que consegue retratar este ambiente de prédios a ruir e do negócio que lhe estava associado.

¹¹ Cf. J. Carcopino, *A Vida Quotidiana em Roma no Apogeu do Império*. Tradução de António José Saraiva (Lisboa s.d.) 64-65.

¹² A Lei das XII Tábuas (VII, 6) estabelece uma largura máxima de 8 pés, em linha recta, e de 16 pés, em curva; cf. Gaius, *Dig.* 8.3.8: *Viae latitudo ex lege XII tabularum in porrectum octo pedes habet, in anfractum, id est ubi flexum est, sedecim.*

*Iussisti tenuis, Germanice, crescere uicos,
et modo quae fuerat semita, facta uia est.
Nulla catenatis pila est praecincta lagonis
nec praetor medio cogitur ire luto,
stringitur in densa nec caeca nouacula turba,
occupat aut totas nigra popina uias.
Tonsor, copo, cocus, lanius sua limina seruant.
Nunc Roma est, nuper magna taberna fuit.*

*Tomara conta da cidade o tendeiro sem vergonha
e na porta de cada qual nenhuma porta havia.
Tu mandaste, Germânico, aumentar os pequenos bairros
e o que, há pouco, era uma viela, em rua se tornou.
Pilar algum está agora cingido por bilhas acorrentadas
nem o pretor se vê obrigado a andar pelo meio da lama,
nem a navalha é sacada, às cegas, na densa multidão,
nem a negra tasca se apropria de todas as vias.
Barbeiro, estalajadeiro, cozinheiro, magarefe têm as suas casas.
Agora, Roma existe; dantes, era apenas uma grande taberna.*

Era, pois, numa cidade assim — escarpada, muito sinuosa, de ruas estreitas e sujas, com muitas pessoas e muita agitação — em que Marcial se movimentava no seu dia-a-dia, mas é também nessa cidade que vai encontrar os temas para a sua poesia.

O poeta vai encontrando e descrevendo a cidade física em que habita, mas também não se coíbe de contemplar e de ‘fotografar’ a cidade humana com que todos os dias se depara.

E se a cidade física, dadas as suas características, é um autêntico labirinto, a cidade humana, com a sua enorme variedade de tipos sociais, não lhe fica nada atrás.

De facto, Marcial, com o seu olho clínico, imbuído de um forte espírito satírico e humorístico, consegue traçar um retrato vivo, mas extremamente complexo, das figuras com que se cruza todos os dias.

A cidade física é percorrida, quase de lés a lés, graças à sua condição de *cliens*, e isso permite-lhe fazer na sua poesia uma referência a pontos vários da cidade que passam por simples referências esporádicas a descrições de percursos que conduzem a determinados locais ou então pela descrição de um sítio preciso, como acontece, logo a abrir o livro

primeiro, com a localização da livraria onde estava disponível a obra do poeta até então publicada (1.2):

*Qui tecum cupis esse meos ubicumque libellos
et comites longae quaeris habere uiae,
hos eme, quos artat breuibus membrana tabellis:
scrinia da magnis, me manus una capit.
Ne tamen ignores ubi sim uenalis et erres
urbe uagus tota, me duce certus eris:
libertum docti Lucensis quaere Secundum
limina post Pacis Palladiumque forum.*

*Tu que, em todo o lado, desejas ter contigo meus epigramas
e que companheiros os queres de longas jornadas,
compra esta edição que o pergaminho condensa em breves páginas:
reserva os escrínios para as grandes; a mim, uma só mão abarca.
Mas, para que não ignores onde me vendem e vagueies
errante por toda a Urbe, se eu te guiar, estarás seguro:
procura Secundo, liberto do douto Lucense,
por trás do limiar do templo da Paz e do foro de Palas.*

Assim, sem margem para dúvidas e sem risco de se perder, o leitor poderia dirigir-se ao local adequado para comprar este livro.

Mas o poeta deambula pelas várias regiões e pelos diferentes bairros de Roma e, com maior ou menor pormenor, não se esquece de nos falar do Argileto, do Aventino, do Campo de Marte, do Capitólio, das Esquílias e do Esquilino, do Palatino, do Quirinal, do Subménio, da Suburra e do Transtibre.

Circula por várias *uiae*, não se esquecendo de mencionar as vias Ápia, Coberta, Flamínia, Latina, Sacra e Salária.

Marca encontro com o leitor em vários *fora* e pórticos: foro de Augusto, foro de César, foro de Nerva, foro Romano e pórticos Hecatóstilo, de Agripa, de Cláudio, de Europa, de Filipe, de Octávia, de Pompeio, de Quirino, dos Argonautas, do templo de Ísis, os *Saepta Iulia* e o Pórtico Vipsânia.

Vai a banhos (ou frequenta-os para se insinuar como convidado para uma *cena* de borla) nos Banhos de Carino, de Estéfano, de Dásio, de

Fausto e Fortunato, de Lupo e Grilo, de Tigelino ou nas Termas de Agripa, de Nero ou de Tito.

Frequenta (ou menciona, pelo menos) um leque variado de edifícios religiosos em que se incluem, a título de exemplo, o Templo das Musas, o Templo de Júpiter Capitolino e o Templo de Minerva.

Explora, com insistência, a utilização de espaços de recreio e diversão, como são o Anfiteatro Flávio, o Circo e o Teatro.

Vale a pena sublinhar que o primeiro livro de Marcial — *De Spectaculis* — se inspira, exactamente, nos jogos comemorativos da inauguração do Anfiteatro de Flávio, no ano 80, cuja grandiosidade encheu de admiração todos os que deles tiveram conhecimento. Infelizmente, este livro chegou até nós de forma bastante danificada.

Não se esquece de que, em Roma, existiam vários prostíbulos com o seu modo de vida peculiar e tipos sociais específicos e, além disso, serve-nos de cicerone por vários edifícios de natureza habitacional, nomeadamente, *uillae urbanae* e *suburbanae*, *insulae* e *domus* com especial referência à *domus imperial*¹³.

Mas o poeta deambula também, de forma ora ligeira ora, por vezes, feroz, pelos diferentes tipos sociais que a Roma do seu tempo lhe oferece de mão beijada, sejam eles os beberrões, os beijoqueiros, os caçadores de heranças, os caloteiros, os defeituosos, os delatores, os dissimuladores, os esbanjadores, os especuladores, os homossexuais, os judeus, os ladrões, os malcheirosos, os novos-ricos, os parasitas, os pedinchões, os plagiários, os vigaristas, ou então uma simples brincalhona, como Gélia, que, seguramente, terá ficado com vontade de nunca mais brincar com o poeta (5.29).

*Si quando leporem mittis mihi, Gellia, dicis
'formosus septem, Marce, diebus eris.'
Si non derides, si uerum, lux mea, narras,
edisti numquam, Gellia, tu leporem.*

¹³ Toda esta temática dos locais está a ser tratada por Isabel Graça na tese de doutoramento que tem em curso na Universidade de Aveiro.

*Sempre que me envias lebre, Gélia, dizes:
“Formoso por sete dias, Marco, tu serás.”
Se não estás a troçar, se a verdade, luz da minha alma, é como contas,
lebre jamais comeste, Gélia, em tua vida.*

Mas o poeta também se delicia (e nos delicia) com uma abordagem a uma lista quase infindável de agentes profissionais — numa contagem que não pretende ser exaustiva, é possível contabilizar cerca de uma centena de ‘profissões’ que merecem alguma atenção, por pequena que seja, por parte de Marcial.

No entanto, se as profissões são muitas, poucas serão as que podem garantir um meio de subsistência razoável, de tal modo que o poeta chega a dizer que viver em Roma só pode acontecer por obra da sorte (3.38).

*Quae te causa trahit uel quae fiducia Romam,
Sexte? quid aut speras aut petis inde? refer.
‘Causas’ inquis ‘agam Cicerone disertior ipso
atque erit in triplici par mihi nemo foro.’
Egit Atestinus causas et Ciuis – utrumque
noras –; sed neutri pensio tota fuit.
‘Si nihil hinc ueniet, pangentur carmina nobis:
audieris, dices esse Maronis opus.’
Insanis: omnis gelidis quicumque lacernis
sunt ibi, Nasones Vergiliosque uides.
‘Atria magna colam.’ Vix tres aut quattuor ista
res aluit, pallet cetera turba fame.
‘Quid faciam suade: nam certum est uiuere Romae.’
Si bonus es, casu uiuere, Sexte, potes.*

*Que motivo ou confiança te puxa para Roma,
Sexto? Que esperas ou que procuras daí? Conta lá.
‘Causas — replicas tu — defenderei com mais eloquência que o próprio
Cícero
e ninguém estará à minha altura nos três foros.’
Defenderam causas Atestino e Cive — um e outro
deves ter conhecido —; mas nenhum ganhou com que pagar
totalmente a renda da casa.
‘Se nada daqui advier, escreveremos poemas:
quando os ouvires, dirás que são obra de Virgílio.’*

*Endoideceste: em todos quantos estão para aí,
com enregeladas lacernas, podes ver Nasões e Virgílios.
'Frequentarei grandes átrios.' Dificilmente alimentou tal ocupação
três ou quatro, empalidece a restante turba com fome.
'Que hei-de fazer? Aconselha-me lá. É que estou decidido a viver em
Roma.'
Se és honesto, Sexto, por obra da Sorte poderás viver.*

Esta vida pelas ruas labirínticas da cidade, à procura do sustento, origina a oposição entre profissões já que umas não dão dinheiro nenhum e outras proporcionam uma vida desafogada. Por isso, o poeta aconselha a que se evite o estudo das letras — já na altura era caminho certo para o desemprego — para se preferir outras profissões (5.56).

*Cui tradas, Lupe, filium magistro
quaeris sollicitus diu rogasque.
Omnes grammaticosque rhetorasque
deuites moneo: nihil sit illi
cum libris Ciceronis aut Maronis,
famae Tutilium suae relinquat;
si uersus facit, abdicet poetam.
Artes discere uult pecuniosas?
Fac discat citharoedus aut choraules;
si duri puer ingeni uidetur,
praeconem facias uel architectum.*

*A que professor confiar, Lupo, o teu filho
é o que preocupado perguntas há muito e esperas resposta.
Todos os gramáticos e retores
te aconselho a evitares: que ele despreze
os livros de Cícero ou Marão,
que deixe Tutílio entregue à sua fama;
se faz versos, renega o poeta.
Quer aprender artes dinheirasas?
Faz com que aprenda a arte do citaredo ou do flautista;
se o rapaz parecer duro de natureza,
faz dele pregoeiro ou arquitecto.*

É que, para se ser poeta, tem de se ter condições e a vida atribulada da cidade não permite, pelas exigências físicas e sociais que apresenta, que essas condições se reúnam. Assim, Marcial lamenta ter perdido os

tempos em que vivia fora de Roma e que podia dedicar à poesia (10.58. 6-8) já que

*Nunc nos maxima Roma terit.
Hic mihi quando quies meus est? iactamur in alto
urbis, et in sterili uita labore perit.*

*Agora a gigantesca Roma nos sufoca.
Aqui, quando sou dono do meu dia? Lançam-me para este alto mar
da cidade, e, em estéril labor, a vida se esvai.*

De facto, para se ser poeta sem um verdadeiro Mecenas, era quase obrigatório ser um pobre *cliens* a percorrer todos os dias as ruas labirínticas de Roma à procura da mísera *sportula* quando, em contrapartida, outros ganhavam numa única hora uma verdadeira fortuna. É, pois, um poeta cansado que nos aparece neste epigrama (10.74):

*Iam parce lasso, Roma, gratulatori,
lasso clienti, quam diu saluator
anteambulones et togatulos inter
centum merebor plumbeos die toto,
cum Scorpus una quindecim graues hora
feruentis auri uictor auferat saccos?
Non ego meorum praemium libellorum
— quid enim merentur? — Apulos uelim campos;
non Hybla, non me spicifer capit Nilus,
nec quae paludes delicata Pomptinas
ex arce cliui spectat uua Setini.
Quid concupiscam quaeris ergo? dormire.*

*Poupa, enfim, Roma o teu exausto cumprimentador,
o teu exausto cliente. Por quanto tempo, como saudador,
entre batedores de séquito e reles clientes,
terei de ganhar cem cobres num dia inteiro,
quando, ao vencer, Escorpo aufere num hora
quinze pesados sacos de ouro ainda rebrilhantes?
Não que eu queira como prémio por meus
livrinhos — que merecem eles afinal? — os campos da Apúlia;
não me atrai o Hibla, nem o Nilo coroado de espigas,
nem a delicada uva que, do alto
de secina encosta, contempla os pântanos pontinos.
Queres então saber o que mais almejo? Dormir.*

Repare-se como uma única palavra, estrategicamente colocada no fim do epigrama, pode conter uma carga tão grande de interpretações senão diferentes, pelo menos complementares.

Em primeiro lugar, o desenrolar do epigrama não nos fazia esperar tal resposta, embora ela seja perfeitamente compreensível se tivermos em atenção os quatro primeiros versos. De facto, para quem está exausto, para quem passou o dia inteiro a calcorrear a cidade, torna-se necessário, dizendo melhor, é absolutamente imperioso ‘dormir’.

‘Dormir’ assinala ainda — e reforça até — a opção por uma vida simples e faz, pois, contraste evidente com as ideias subjacentes aos versos sete a onze.

‘Dormir’ surge também como oposição (sobretudo se esta acção for realizada durante o dia) ao bulício dos grupos em circulação agitada pelas ruas de Roma.

Mas ‘dormir’ pode não passar, afinal, da resposta enfadada do poeta a quem continuamente o aborrece e surgir, neste contexto, quase como um grito de revolta pela vida agitada a que se vê obrigado, numa cidade em que, praticamente, não consegue descansar.

Ora dormir foi coisa que Marcial seguramente não levou a vida a fazer já que foi obrigado a ter tempo para os seus deveres de cliente com apregoado prejuízo para a poesia que escrevia (11.24. 1-4)

*Dum te prosequor et domum reduco,
aurem dum tibi praesto garrienti,
et quidquid loqueris facisque laudo,
quot uersus poterant, Labulle, nasci!*

*Enquanto te escolto e a casa te acompanho,
enquanto presto atenção à tua tagarellice
e quanto dizes e fazes me ponho a aplaudir,
quantos versos, Labulo, poderiam ter nascido!*

Apesar disso, consegui ainda ter tempo para escrever toda a poesia que nos deixou (num total de quinze livros).

É nesta poesia que a Urbe surge nos seus meandros labirínticos quer nos aspectos físicos, quer, sobretudo, nos seus aspectos humanos.

Somos, pois, quase forçados a concluir que a circulação penosa do poeta pelas ruas de Roma o obrigou a ‘tropeçar’ nos tipos sociais que, de forma magistral, descreveu e que nos servem como um retrato vivo da Roma imperial dos últimos decénios do século I depois de Cristo.

* * * * *

Resumo: Marcial conhecia como ninguém a cidade de Roma e serve de guia aos leitores da actualidade através das ruas labirínticas da Urbe. Essa cidade apresentava características específicas que dificultavam a circulação quer de pessoas quer de viaturas, apesar dos esforços de alguns políticos para irem melhorando o tecido urbano.

Palavras-chave: Marcial; Roma; cidade; urbanismo; imperadores; habitações.

Resumen: Marcial conocía como nadie la ciudad de Roma y sirve de guía a los lectores de la actualidad a través de las laberínticas calles de la Urbe. Esta ciudad presentaba características específicas que dificultaban la circulación tanto de personas como de carruajes, a pesar de los esfuerzos de algunos políticos para ir mejorando el entramado urbano.

Palabras clave: Marcial; Roma; ciudad; urbanismo; emperadores; viviendas

Résumé: Martial connaissait mieux que quiconque la ville de Rome, c'est pourquoi il sert de guide aux lecteurs actuels à travers les rues labyrinthiques de la Cité. Cette ville possédait des caractéristiques spécifiques qui rendaient la circulation tout aussi difficile pour les personnes que pour les voitures, et cela malgré les efforts de certains hommes politiques pour améliorer les tissus urbains.

Mots-clé: Martial; Rome; cité; urbanisme; empereurs; demeures.